

# POESIA E FICÇÃO

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i41p396-402>

**Roberto Schwarz**

## **Nota editorial**

Nesta seção transcrevemos alguns poemas e contos de Roberto Schwarz, originalmente publicados no suplemento “Folhetim”, da *Folha de S. Paulo*, e na revista *Almanaque*, entre 1978 e 1985. Os textos são todos posteriores à publicação de *Corações veteranos* (1974), livro que marca a produção mais característica do autor no terreno da criação literária, ao lado das peças *A lata de lixo da história* (1977) e *Rainha Lira* (2022). Juntamente com os contos “Utopia” (publicado em *O pai de família e outros estudos*) e “Contra o retrocesso” (de 1994, republicado em *Sequências brasileiras*), os textos aqui reunidos formam um conjunto em que se podem discernir continuidades e desdobramentos de processos compostivos dos poemas de *Corações veteranos*. Explorando tensões entre as falas em situação, a linguagem que as expressa e o distanciamento que as mostra ao leitor, essas ficções poéticas focalizam os meandros abstrusos do cotidiano e desentranham sentidos que se abrem para a reflexão.

Agradecemos ao autor, que gentilmente autorizou a republicação dos textos neste número de *Literatura e Sociedade*.

### **Mão no pau**

A mão no pau (no meu).  
O pau na mão (na minha).  
A mão sou eu, mas não o pau?  
O pau sou eu, mas não a mão?  
Sou a mão e o pau  
mas não ao mesmo tempo.  
A mão é de um estranho? Sim, e o pau não.  
A mão é de uma estranha? Sim, e o pau não.  
O pau é de um estranho? Sim, e a mão não.  
O pau é de uma estranha? Sim, e a mão não.  
Tire o pau de minha mão.  
Ponha a mão no meu pau.  
Uma coisa ou outra.  
Os dois ao mesmo tempo.  
Afinal quem manda aqui?  
Ou quem é quem afinal?  
Você quer e não consegue  
harmonia. A pau no mão da estranho mim?  
O mão na pau do estranha mim.  
Idem para o clitóris e a dedo.

Publicado em *Folha de S. Paulo*, Folhetim, n. 460, 1º de dezembro de 1985, p. 12.

### **Antes da Revolução Cubana**

*É sabido que a literatura muitas vezes anuncia o que logo adiante vai acontecer. Pouco tempo antes da revolução, que faria dele um excêntrico e dedicado professor secundário, o contista cubano Silvio Lachnicht publicou a crônica que segue. A concepção é antiquada, mas achei que valia a pena traduzir, pelo sentimento de fim de linha que ela transmite.*

Ruminava na rua as minhas obras completas. Passando por uma ambulância ouvi um rosnado. Como estamos em ditadura, logo pensei: é um carro de polícia disfarçado, com cachorros dentro, e apertei o passo. Por outro lado, o regime é corrupto e lembrei que podia ser um cachorro de particular. O dono, pertencente à debochada patota que infelicita a nossa ilha, teria usado a sua influência no Hospital do Servidor Público, para levar ao veterinário o tigre que lhe guarda o palacete. Quem mora nessa casa diante da qual a ambulância está parada? O moço no volante está com sono, e tem aquela cara inexpressiva que tanto pode ser de um explorado como de um torturador. Na porta da limusine, escrito em grandes letras vermelhas, Serviço Público de Primeiros Socorros. Será que o rosnado foi impressão minha? E se ele viesse de trás da ambulância, do jardim diante do qual ela estacionava? Com a fúria que acumulei contra jardins e cães do bairro abastado em que moro, nada mais fácil que um erro de percepção, sobretudo se me confirmar na minha tese de que casas como estas, com ambulância ou sem ambulância, com cachorro ou sem cachorro, já são elas mesmas a ditadura. Neste caso, voltando à ambulância, ela pode ser parte do programa de atendimento ao esporte popular, com que aos domingos o governo procura parecer útil ao povo: na proximidade dos parques em que a moda é fazer Cooper, alunos da Escola de Educação Física do Exército ficam à disposição dos interessados, para lhes medir o pulso e a pressão. É claro que os parques ficam na orla dos bairros elegantes, de modo que uma vez mais o serviço público na verdade beneficia os já beneficiados. Aliás basta ver quem é que está fazendo ginástica, neste país que vai criar, se já não criou, duas raças, a dos bonitos, grandes e fortes, que não fazem nada, e a dos diminuídos, que se esfolam uns aos outros para conseguir os empregos onde são

esfolados para prosperidade dos primeiros. Me dirão que estou simplificando, que é só conhecer as famílias da alta para saber que não são beneficiárias de nada: a sua vida dá errado de A a Z, e ali não há o que se salve. Ouça os seus filhos, as suas domésticas, os advogados, o delegado de polícia, os psiquiatras, e verá. Mas então, digo eu, é muito pior do que eu pensava, e só mudando tudo! Eu mesmo às vezes me pergunto pelo sentido destas minhas obras completas nem começadas, que vou ruminando nas ruas sossegadas do bairro, sempre sobressaltado com os cachorros e a feiura monstruosa das casas.

Publicado em *Folha de S. Paulo*, Folhetim, n. 380, de 29 de abril de 1984, p. 12.

### **Comércio, família, concentração de capital**

Antes do fim, ao cabo da introspecção a que certas opções obrigam, um homem de negócios vê que a sua finalidade mais cara não é o comércio, a que no entanto havia dedicado a vida: a sua finalidade mais cara é a família. Em consequência, resolve-se a uma virada brusca, e em lugar de passar a direção de sua casa comercial ao empregado mais capaz, por que não dizer um discípulo, formado cuidadosamente com vistas a uma sucessão sem quebra, o qual todavia, como o chefe bem sabe, colocaria as leis do capital acima de tudo, família inclusive, a não ser que por uma introspecção igual à de seu mestre, o que também é uma possibilidade, viesse a pôr a sua própria família acima do negócio e da família do outro, — em lugar, dizíamos, de passar as rédeas da firma a este jovem empresário capaz de dirigi-la, e correndo o risco, além disso, aliás uma certeza, de parecer um traidor, o pai de família manda vir o irmão menor, comerciante ele também, embora de menos peso, mas de cuja dedicação canina aos parentes o mais velho não duvida, irmão que sendo muito reacionário, como os piores deste Brasil problemático e fascista, é isso mesmo, FASCISTA DE DAR MEDO, certa vez o emocionara, jurando que defenderia o patrimônio da sobrinha, ainda que a maravilhosa garota idealista estivesse de metralhadora na mão e metida entre guerrilheiros, fidelidade contudo que logo mais, não vamos nos iludir, uma vez assumida a direção das coisas, não impediria que nove meses, o tempo de uma gestação, bastasse ao novo presidente para levar o negócio à ruína, contribuindo assim para o movimento de concentração do capital, que nem as famílias unidas poupa — o que só confirma as profecias comunistas — contribuição, naturalmente dentro dos limites que nosso tempo impõe à ação do indivíduo isolado.

Publicado em *Folha de S. Paulo*, Folhetim, n. 320, 6 de março de 1983, p. 12.

### **Almoço no estrangeiro**

O Brasil mudou  
não é mais como antes  
quando tudo terminava em abraço.  
Agora tem uma cicatriz.  
Em qualquer encontro ou jantar  
a diferença entre os que foram contra  
e os que foram a favor  
pode aparecer.  
Em minha opinião a França  
até hoje não digeriu  
o terror de 93.  
O Brasil não havia conhecido isto.  
Antes houve o caso do Estadão  
que nunca perdoou ao Getúlio.  
É verdade, mas a coisa do Getúlio  
foi restrita e dirigida.  
Desta vez foi mais longe.  
Agora para ser brasileiro  
é preciso assumir inclusive isto.  
Em certo sentido  
o país ficou mais moderno.

Publicado em *Almanaque: cadernos de literatura e ensaio*, n. 7, São Paulo, 1978, p. 29.

### **Entre homens superiores**

Uma troca de ideias informada e responsável a respeito do estado desolador da política nacional. Uma senhora elegante cruza o vestíbulo do hotel. O grande jurista em minha frente a acompanha com os olhos, que são frios como os de um mercador de escravas, ou também como os de um galã de aeroporto. Não comento o seu olhar, ele não comenta a mulher, e o episódio é enterrado na consciência que temos os dois da diferença entre a vida pública e os apetites privados. Também eu tenho destes olhares que sopesam. Versão lisonjeira: o animal de presa. Menos lisonjeira: o frequentador de putas. Nada lisonjeira: o imbecil programado pela publicidade.

Publicado em *Almanaque: cadernos de literatura e ensaio*, n. 7, São Paulo, 1978, p. 29.